



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 5, N. 9, novembro/2024 #48



Universidade
de Fortaleza



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 5, N. 9, novembro/2024 #48

Reitoria

Reitor Randal Martins Pompeu

Vice-reitoria de Graduação

Vice-reitora Maria Clara Cavalcante Bugarim

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR

Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Felipe Albuquerque Sobral e Silva

Coordenador Curso de Economia UNIFOR

Prof. Allisson David de Oliveira Martins

Coordenador do Núcleo de Pesquisas Econômicas -
NUPE

Prof. Nicolino Trompieri Neto

Curso de Economia UNIFOR / Professor



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Essa 48ª edição do Boletim Econômico inicia com o artigo de opinião assinado por Vinícius Carrara Gurgel, graduado em Economia pela Universidade de Fortaleza, intitulado “**Os Impactos da Macroeconomia na Montagem de Portfólio em um Contexto Pós-Pandemia e a Importância da Construção de Carteiras Diversificadas**”. Na sequência da presente edição, o leitor encontrará: um panorama sobre a economia internacional; o resultado das atividades econômicas do Brasil, Nordeste e Ceará, detalhado por setores de produção da economia; a performance do mercado de trabalho; e a balança de comércio exterior do Ceará, Nordeste e Brasil.

Boa Leitura!



OPINIÃO:

OS IMPACTOS DA MACROECONOMIA NA MONTAGEM DE PORTFÓLIO EM UM CONTEXTO PÓS-PANDEMIA E A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DE CARTEIRAS DIVERSIFICADAS

Vinícius Carrara Gurgel *

Para montar uma carteira de investimentos adequada, é essencial considerar fatores como o conhecimento sobre os produtos, a capacidade financeira e psicológica para lidar com riscos, e as perspectivas de desempenho futuro dos ativos. Um portfólio diversificado reúne aplicações de diferentes categorias, cada uma com comportamentos e riscos específicos, além de prazos variados para resgate. Essas classes de ativos respondem de forma distinta às mudanças no ciclo econômico, e, para ilustrar isso, foram utilizados índices que fornecem uma visão geral de cada classe.

Quadro 1 - Índices por classe

Classe de Ativo	Índice de referência
Fundos Imobiliários	IFIX
Ações Nacionais	IBOV
Ações Internacionais	S&P500
Inflação	IMA-B
Prefixado	IRF-M
Pós-fixado	CDI
Dólar	Dólar (Comercial)

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 2 - Retorno por classe de ativo e carteira hipotética (2019 - jun/24)

2019	2020	2021	2022	2023	2024 YTD	Acumulado	Volatilidade
Fundos Imobiliários 35,98%	Ações Internacionais 49,89%	Ações Internacionais 36,26%	Pós-fixado 12,37%	Ações Nacionais 22,28%	Ações Internacionais 31,45%	212,49%	22,18%
Ações Internacionais 34,06%	Carteira Diversificada 34,93%	Carteira Diversificada 8,25%	Prefixado 8,82%	Carteira Diversificada 20,19%	Dólar 15,17%	134,39%	6,42%
Ações Nacionais 31,58%	Dólar 29,13%	Dólar 7,50%	Inflação 6,37%	Prefixado 16,51%	Carteira Diversificada 9,02%	57,71%	7,04%
Carteira Diversificada 24,58%	Prefixado 6,69%	Pós-fixado 4,40%	Ações Nacionais 4,69%	Inflação 16,05%	Pós-fixado 5,22%	51,96%	0,25%
Inflação 22,95%	Inflação 6,41%	Inflação -1,26%	Fundos Imobiliários 2,22%	Fundos Imobiliários 15,50%	Prefixado 1,51%	50,77%	3,74%
Prefixado 12,03%	Ações Nacionais 2,92%	Prefixado -1,99%	Carteira Diversificada -1,69%	Ações Internacionais 15,27%	Fundos Imobiliários 1,08%	44,21%	15,67%
Pós-fixado 5,97%	Pós-fixado 2,77%	Fundos Imobiliários -2,28%	Dólar -5,29%	Pós-fixado 13,05%	Inflação -1,10%	42,34%	9,71%
Dólar 3,64%	Fundos Imobiliários -10,24%	Ações Nacionais -11,93%	Ações Internacionais -24,68%	Dólar -8,11%	Ações Nacionais -7,66%	40,98%	25,32%

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 1 mostra a classificação de cada conjunto de ativos de acordo com o desempenho a cada ano, começando pelo maior e terminando como o menor retorno. Foram utilizadas 8 classes de ativos para a análise. Dentre elas, destaque para os Fundos Imobiliários, representados pelo IFIX - historicamente apresentam uma relação inversamente proporcional ao nível da taxa de juros. Ou seja, quanto maior o patamar de juros menos atrativo será o retorno da classe. Essa

* Graduado em Economia pela Universidade de Fortaleza (Unifor).

relação pode ser observada pelo retorno obtido em 2019, quando os fundos imobiliários performaram melhor neste ano de queda de juros. Entretanto, no curso dos fenômenos pandêmicos, o resultado foi negativamente impactado pela alta da Selic.

Também foram selecionadas as classes de ações nacionais e internacionais. Para as ações nacionais, é possível verificar como o Ibovespa apresenta a maior volatilidade entre as classes e o pior desempenho. Parte desse mal desempenho atualmente se dá, além dos juros, pela desancoragem das expectativas de inflação e alto risco fiscal no Brasil. Já a classe de ações internacionais se destacou em grande parte dos anos, movimento que veio em virtude do alto crescimentos de empresas de tecnologia e com o crescimento de tendências de inteligência artificial no mundo todo (InfoMoney, 2023).

No Quadro 1, destacam-se três opções de renda fixa. A primeira delas é a cesta de pós-fixados, que são atrelados ao CDI e acompanham a rentabilidade da Selic. Esses ativos apresentam menores oscilações e, conseqüentemente, menor volatilidade. Diferentemente dos pós-fixados, os pré-fixados, como o próprio nome sugere, são ativos onde a taxa de retorno é estabelecida previamente. Esses ativos tendem a performar positivamente em um momento em que há um movimento de queda de juros, a exemplo de 2022 e 2023. Também foi exposta a cesta de produtos atrelados à inflação. Esses ativos rendem uma taxa prefixada mais o valor da inflação e, em momentos em que há desancoragem da inflação ou redução de juros, eles performaram melhor que em períodos de abertura da curva de juros.

Por último, destaca-se uma carteira diversificada hipotética, que é basicamente uma ponderação de todas as classes expostas acima. Essa carteira revela que ao montarmos um portfólio diversificado, com uma combinação de ativos descorrelacionados, é possível atingir excelentes resultados sem correr maiores riscos e contribuir para o longo prazo de um portfólio. De acordo com o Quadro 2, a carteira diversificada apresentou o segundo maior retorno acumulado dos ativos com a 3º menor volatilidade.

Em suma, a análise dos ciclos, juntamente com a diversificação são ferramentas poderosas capazes de auxiliar na condução do portfólio e conseqüentemente em uma maior rentabilidade, visto que, ao combinar ativos de uma forma inteligente, podemos criar portfólios que sejam resilientes e enfrentem as flutuações de mercado, gerando um nível adequado de retorno, dentro dos parâmetros de risco esperados.

PANORAMA INTERNACIONAL

O cenário econômico global continua em constante evolução, com contrastes marcantes entre as principais economias mundiais. A Ásia, liderada pela China, consolida-se como o principal motor de crescimento, enquanto Europa e Estados Unidos enfrentam desafios mais acentuados, marcados por incertezas e uma desaceleração em seus desempenhos.

A China ainda mantém um crescimento sólido, registrando 5,3% em 2023, com projeções de 4,8% para 2024 e 4,5% para 2025. Tal desempenho é alavancado por políticas fiscais e monetárias expansionistas, além de investimentos estratégicos em infraestrutura e tecnologia. No entanto, a desaceleração gradual reflete desafios internos, como o envelhecimento populacional e a crise no setor imobiliário, além de pressões externas, como a redução da demanda global por produtos chineses.

Na Europa, as perspectivas econômicas variam. França e Itália mantêm crescimento moderado, em torno de 1% ao ano, enquanto a Alemanha, após uma contração de -0,3% em 2023, projeta uma recuperação tímida. O Reino Unido, por outro lado, apresenta sinais de maior dinamismo, sustentado por uma recuperação no consumo interno. Esses resultados refletem os efeitos de políticas monetárias restritivas e de ajustes estruturais no continente.

Nos Estados Unidos, maior economia mundial, o crescimento segue uma trajetória de desaceleração, passando de 2,9% em 2023 para 2,8% em 2024 e 2,2% em 2025. Entre os fatores que impactam essa redução estão as taxas de juros elevadas, a inflação persistente e as incertezas geopolíticas.

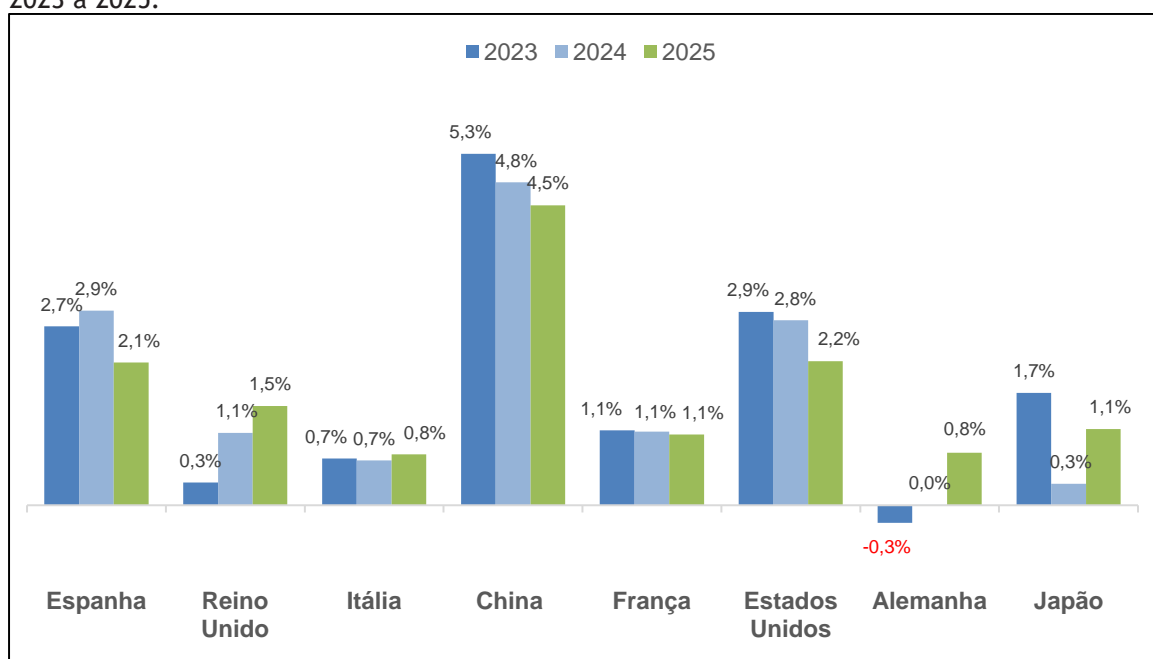
Outras economias de destaque também enfrentam desafios semelhantes. O Japão, por exemplo, apresenta uma desaceleração significativa, com crescimento de 1,7% em 2023, que cai para 0,3% em 2024, antes de recuperar levemente para 1,1% em 2025. Esse desempenho reflete fatores estruturais, como o envelhecimento populacional e a baixa produtividade.

De forma geral, o panorama global continua marcado por incertezas e desafios significativos. A guerra na Ucrânia, as tensões comerciais e geopolíticas entre Estados Unidos e China, e os desafios logísticos nas cadeias de suprimentos são riscos persistentes que impactam as economias de forma desigual.

Enquanto as economias desenvolvidas enfrentam dificuldades para sustentar taxas de crescimento mais elevadas, as economias emergentes, lideradas pela China, continuam a desempenhar um papel crucial no crescimento global, mesmo em meio a desafios internos e externos. A recuperação econômica global será influenciada pelas estratégias de políticas econômicas adotadas por cada país, bem como pela evolução dos cenários político e geopolítico internacional.

Em resumo, o atual cenário ressalta a importância de monitorar de perto as tendências econômicas e os impactos das políticas implementadas, especialmente nas economias avançadas, que enfrentam estagnação, e nas emergentes, que se destacam como protagonistas do crescimento global.

Gráfico 1 - Crescimento real anual (%) do Produto Interno Bruto (PIB) - Países selecionados - 2023 a 2025.



Fonte: International Monetary Fund, World Economic Outlook Database - Atualizado em out/2024.

A ATIVIDADE ECONÔMICA E ANÁLISE SETORIAL

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) é uma ferramenta essencial para acompanhar a evolução da economia brasileira, servindo como referência para a formulação de políticas monetárias. Calculado a partir de variáveis como arrecadação tributária, vendas no varejo, crédito bancário e produção industrial, o índice permite monitorar o desempenho econômico ao longo do tempo, destacando avanços e desafios enfrentados pelo país.

De acordo com os dados analisados, o Brasil apresentou um crescimento acumulado de 2,97% nos 12 meses encerrados em setembro de 2024, superior ao mesmo período de 2023. Esse desempenho reflete o dinamismo de setores como comércio, serviços e indústria, impulsionados por maiores investimentos e estímulos ao consumo.

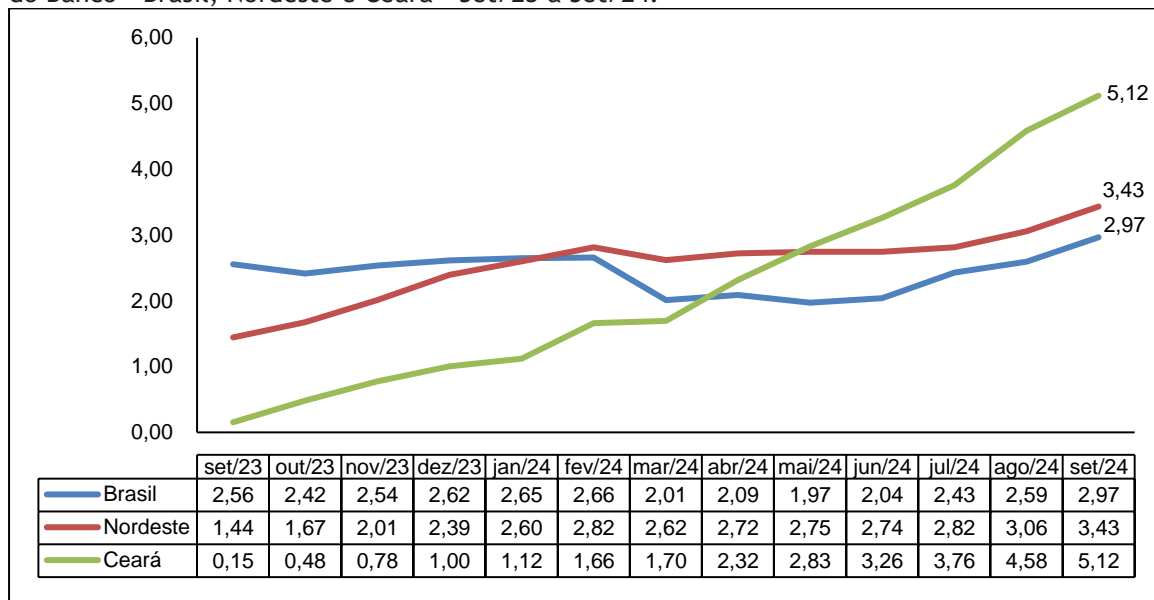
No Nordeste, o crescimento foi ainda mais expressivo, com o índice passando de 1,44% em setembro de 2023 para 3,43% em setembro de 2024, na métrica dos últimos 12 meses. Este avanço reflete o impacto positivo de setores como energias renováveis e turismo, e principalmente do comércio.

O Ceará destacou-se com o maior crescimento entre as regiões analisadas, saindo de 0,15% em setembro de 2023 para impressionantes 5,12% em setembro de 2024, no acumulado dos últimos doze meses. Esse crescimento agressivo é impulsionado por iniciativas estratégicas, como os investimentos

em energia. Tais avanços destacam a relevância do estado como um motor econômico regional, promovendo industrialização e desenvolvimento sustentável.

O desempenho do Nordeste e, particularmente, do Ceará, ilustra a importância das dinâmicas regionais no contexto da economia nacional. A recuperação desses mercados, impulsionada por investimentos estratégicos e políticas públicas, não apenas reforça o crescimento local, mas também contribui para a redução das desigualdades regionais. Ao promover setores como infraestrutura, energias renováveis e agronegócio, essas regiões têm demonstrado resiliência econômica e a capacidade de se consolidar como polos de desenvolvimento socioeconômico.

Gráfico 2 - Crescimento acumulado dos últimos 12 meses (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco - Brasil, Nordeste e Ceará - Set/23 a Set/24.



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

O Setor Agrícola

O setor agrícola no Brasil e nas regiões Nordeste e Ceará apresenta dinâmicas contrastantes para o ciclo 2024/2025, refletindo desafios climáticos e econômicos, além de avanços impulsionados por tecnologias e demandas de mercado.

A safra brasileira de 2024/2025, conforme a A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), apresenta projeções positivas, com crescimento de 1,8% na área cultivada, 6,3% na produtividade e 8,2% na produção. Esses números refletem o desempenho de culturas-chave como soja, milho e trigo, que continuam a consolidar a posição do Brasil como líder global no agronegócio.

No **Nordeste**, a expectativa também é de avanços significativos. O aumento da área plantada (3,5%), aliado à melhoria de 2,2% na produtividade, deve resultar em um crescimento de 5,8% na produção agrícola. Esses resultados destacam a resiliência da região frente a adversidades climáticas e reforçam a importância do agronegócio para o desenvolvimento socioeconômico regional. Culturas tropicais, energia renovável e exportações de frutas têm sido pilares desse crescimento.

Em contrapartida, segundo a Conab, o Ceará enfrenta projeções menos favoráveis. Apesar do aumento de 1,8% na área cultivada, a produtividade (-10,1%) e a produção (-8,5%) apresentam quedas significativas em relação à safra 2023/2024. A estiagem prolongada e as temperaturas acima da média são fatores determinantes para esse desempenho. Essa conjuntura reforça a necessidade de estratégias que mitiguem os impactos climáticos, como a adoção de técnicas de manejo hídrico e o uso de sementes adaptadas às condições locais.

Os desafios climáticos também afetam o cenário nacional. O mês de novembro foi marcado por temperaturas recordes e baixa precipitação em grande parte do território brasileiro. A forte seca e o calor intenso resultaram em incêndios que impactaram tanto o meio ambiente quanto a produção

agrícola, destacando a importância de medidas sustentáveis e adaptativas no setor.

Apesar das adversidades, o agronegócio nacional continua a ser um dos principais motores da economia brasileira, com a soja liderando as exportações. O dinamismo do setor é sustentado por investimentos em tecnologia, como maquinários avançados, técnicas de manejo mais eficientes e o uso de dados para melhorar a gestão agrícola. Além disso, a busca por mercados internacionais e o fortalecimento das cadeias de suprimento têm ampliado a competitividade do Brasil no comércio global.

Por fim, os resultados contrastantes entre o Ceará, o Nordeste e o Brasil destacam a importância de abordagens regionais na formulação de políticas públicas. O fortalecimento da infraestrutura, o incentivo à inovação tecnológica e a implementação de estratégias de mitigação climática são elementos essenciais para garantir a sustentabilidade e a competitividade do agronegócio brasileiro em um cenário global cada vez mais desafiador.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados (*) - safras 2023/24 e 2024/25 (**) - Brasil, Nordeste e Ceará.

REGIÃO/ UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %
Ceará	971,5	988,8	1,8	864,0	776,8	-10,1	839,4	768,1	-8,5
Nordeste	9.653,3	9.986,9	3,5	2.921,3	2.986,2	2,2	28.200,0	29.822,7	5,8
Brasil	79.946,6	81.403,0	1,8	3.727,2	3.962,2	6,3	297.978,9	322.532,6	8,2

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale;

(**) São estimativas geradas pelo Conab em novembro de 2024.

O Setor da Indústria

O setor industrial no Brasil em 2024 apresenta sinais de recuperação econômica, com crescimento acumulado de 3,1% até setembro, segundo a Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física (PIM-PF) do IBGE. No Nordeste, o crescimento foi mais contido, alcançando 1,8%. O Ceará, no entanto, destacou-se com uma expansão significativa de 8,7%, muito acima da média nacional e regional, reforçando sua posição de liderança no setor industrial.

No Ceará, o crescimento robusto pode ser atribuído a políticas públicas direcionadas e investimentos estratégicos em setores específicos. A indústria de transformação, que inclui segmentos como vestuário, calçados e metalurgia, teve destaque, com crescimento expressivo de 8,7% no estado, em comparação aos 3,3% registrados nacionalmente e 2,4% na média do Nordeste. Esses resultados refletem o fortalecimento da economia cearense em áreas de alto valor agregado, impulsionadas por iniciativas que fomentam a competitividade local.

A atividade de vestuário, calçados e artefatos de couro apresentou crescimento superior a 24% no Ceará, evidenciando o dinamismo industrial do estado. Essa performance reflete esforços de diversificação produtiva, apoio governamental e parcerias com o setor privado.

Por outro lado, a indústria de produtos químicos no Ceará teve desempenho negativo (-19,2%), impactada por custos elevados de produção, como energia e matérias-primas, e pela queda no consumo industrial local. O segmento de produtos alimentícios também apresentou retração no estado (-1,4%), refletindo gargalos logísticos, aumento nos custos de insumos e demanda reduzida. No Nordeste, esse setor teve crescimento tímido de 0,6%, enquanto nacionalmente houve um avanço mais expressivo.

A atividade de bebidas no Ceará destacou-se com crescimento de 8,3%, impulsionado por maior produção de bebidas alcoólicas e não alcoólicas, atendendo tanto ao mercado interno quanto às exportações. A metalurgia também teve desempenho relevante, alavancada pela produção de materiais para construção civil e outros setores industriais.

Já o setor extrativo apresenta uma dinâmica mais ambígua. Nacionalmente, o segmento teve um leve crescimento de 1,7%. No Nordeste, contudo, a retração de -11,1% impactou negativamente o

desempenho regional, sugerindo dificuldades em atividades como exploração mineral e petróleo.

Em conclusão, enquanto o Ceará apresenta crescimento industrial interessante, o Nordeste enfrenta desafios mais amplos, como a retração no setor extrativo. A recuperação da indústria brasileira em 2024 destaca a importância de estratégias regionais para superar obstáculos e aproveitar oportunidades, promovendo o fortalecimento do setor industrial em âmbito nacional.

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais-Brasil, Nordeste e Ceará - Acumulado no ano até setembro de 2024 ⁽¹⁾.

Atividades de Indústria	Brasil	Nordeste	Ceará
Indústrias de transformação	3,3	2,4	8,7
Produtos alimentícios	2,7	0,6	-1,4
Bebidas	3,7	7,5	8,3
Produtos do fumo	-1,4	-	-
Produtos têxteis	3,6	5,5	25,4
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	1,7	10,0	24,9
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	4,7	4,4	25,2
Produtos de madeira	8,5	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	3,0	4,4	-
Impressão e reprodução de gravações	-4,5	-	-
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	2,0	0,8	-1,4
Outros produtos químicos	2,2	1,0	-19,2
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	-4,5	-	-
Produtos de borracha e de material plástico	5,3	11,5	-
Produtos de minerais não-metálicos	3,1	4,0	6,8
Metalurgia	1,0	-9,1	7,6
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	4,2	20,9	30,7
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	11,5	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	11,1	-5,8	-13,2
Máquinas e equipamentos	0,4	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	10,0	2,6	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	11,9	-	-
Móveis	9,9	-	-
Produtos diversos	-0,9	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	-3,0	-	-
Indústrias extrativas	1,7	-11,1	-
Indústria geral	3,1	1,8	8,7

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2024 a setembro/2024 (Base: igual período do ano anterior).

O Setor de Serviços

O setor de serviços no Brasil manteve um ritmo de recuperação em 2024, registrando um crescimento acumulado de 2,9% até setembro, de acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS). O desempenho foi liderado por avanços em serviços especializados e tecnologias de informação, enquanto desafios estruturais continuam impactando segmentos específicos, como transportes.

Tabela 3 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até setembro de 2024⁽¹⁾.

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	4,7	8,1	6,3	7,8
Serviços de alojamento e alimentação	4,6	-	-	-
Alojamento	1,5	-	-	-
Alimentação	5,5	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	5,0	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	6,1	5,3	11,3	0,1
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	6,4	-	-	-
Telecomunicações	5,2	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	7,7	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	4,5	-	-	-
Serviços profissionais administrativos e complementares	7,6	-2,7	5,0	2,3
Serviços técnico-profissionais	18,7	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	0,5	-	-	-
Aluguéis não imobiliários	4,4	-	-	-
Serviços de apoio às atividades empresariais	-0,7	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-2,2	-0,7	-0,2	-0,6
Transporte terrestre	-2,4	-	-	-
Rodoviário de cargas	-4,5	-	-	-
Rodoviário de passageiros	1,0	-	-	-
Outros segmentos do transporte terrestre	1,8	-	-	-
Transporte aquaviário	3,0	-	-	-
Transporte aéreo	-3,7	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-2,4	-	-	-
Outros serviços	2,3	-1,2	-5,1	-4,2
Esgoto, gestão de resíduos, recuperação de materiais e descontaminação	4,9	-	-	-
Atividades auxiliares dos serviços financeiros	1,8	-	-	-
Atividades imobiliárias	2,7	-	-	-
Outros serviços não especificados anteriormente	0,5	-	-	-
Total	2,9	0,7	3,6	1,1

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2024 a setembro/2024 (Base: igual período do ano anterior).

Nota (2): O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

Os serviços profissionais, administrativos e complementares destacaram-se com um crescimento expressivo de 7,6%, impulsionados pelos serviços técnico-profissionais, que avançaram 18,7%. O segmento de informação e comunicação também apresentou uma alta significativa de 6,1%, principalmente devido ao desempenho dos serviços de tecnologia da informação (+7,7%). Por outro lado, os serviços prestados às famílias cresceram 4,7%, liderados por serviços de alimentação, que subiram 5,5%.

Entretanto, o setor de transportes, serviços auxiliares e correio sofreu uma retração de 2,2%, refletindo quedas acentuadas no transporte rodoviário de cargas (-4,5%) e no transporte aéreo (-3,7%). Outros serviços registraram alta modesta de 2,3%, com destaque para o setor de gestão de resíduos, que cresceu 4,9%.

No cenário regional, o desempenho foi heterogêneo. O Ceará registrou um crescimento de 0,7% no volume total de serviços, impulsionado principalmente pelos serviços prestados às famílias, que avançaram 8,1%. Pernambuco liderou o crescimento entre os estados avaliados, com alta de 3,6%, destacando-se no segmento de informação e comunicação, que cresceu 11,3%. Já a Bahia apresentou crescimento mais modesto, de 1,1%, com os serviços prestados às famílias subindo 7,8%. Contudo, o desempenho do setor de transportes permaneceu desafiador em todas as regiões, refletindo gargalos logísticos e altos custos operacionais.

A recuperação no setor de serviços pós-pandemia enfrenta barreiras estruturais. A elevação nos preços do querosene de aviação (QAV), por exemplo, impactou significativamente o transporte aéreo, levando a aumentos tarifários que reduziram a demanda.

De maneira geral, o setor de serviços no Brasil demonstra avanços em áreas de alta especialização, como tecnologia e serviços técnicos, mas os desafios em transportes e em segmentos específicos destacam a necessidade de políticas direcionadas. A disparidade no desempenho regional, com o Ceará, Pernambuco e Bahia apresentando dinâmicas distintas, reforça a importância de considerar características locais ao avaliar o setor de serviços.

Com o setor de serviços desempenhando um papel estratégico na economia nacional, o fortalecimento de segmentos com maior potencial de crescimento, aliado à superação de gargalos em áreas críticas como transporte, será fundamental para sustentar a recuperação e promover uma expansão mais equilibrada entre as regiões.

A Atividade do Comércio

O comércio varejista e o varejista ampliado no Brasil mantiveram uma trajetória positiva em 2024, com variações significativas entre as regiões. Segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) de setembro, o índice acumulado de volume de vendas do comércio varejista cresceu 4,8% em nível nacional, enquanto o Ceará apresentou uma expansão expressiva de 8,2%, quase o dobro da média nacional. A Bahia (7,7%) e Pernambuco (5,1%) também se destacaram, reforçando a força econômica do Nordeste.

No comércio varejista ampliado, que inclui os setores de veículos e materiais de construção, o crescimento nacional foi de 4,5%. Os estados nordestinos novamente apresentaram desempenhos acima da média nacional, com Pernambuco liderando (8,3%), seguido pelo Ceará (7,8%) e pela Bahia (7,0%). Esses resultados indicam uma recuperação econômica sólida na região, impulsionada por fatores como aumento do poder de compra, queda no desemprego e reajustes salariais superiores à inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

Entre as atividades que compõem o comércio varejista, artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos destacaram-se com um crescimento acumulado expressivo. O Ceará registrou um aumento de 20,2%, muito acima da média nacional, seguido pela Bahia (13,5%) e Pernambuco (10,8%). Esses números refletem a priorização de itens de necessidade básica e saúde, possibilitada pela melhora na renda disponível das famílias.

No varejo ampliado, setores como veículos, motocicletas, partes e peças e materiais de construção se sobressaíram. O aumento no segmento de veículos está relacionado à expansão logística e ao crescimento de serviços de transporte por aplicativos, enquanto o setor de materiais de construção foi impulsionado por obras públicas e, em menor grau, por investimentos privados, apesar de enfrentar desafios com taxas de financiamento.

Os resultados do Nordeste no comércio varejista ampliado evidenciam a importância econômica da região, especialmente em setores estratégicos. O Ceará, com destaque para o desempenho superior

em artigos farmacêuticos e no setor de materiais de construção, reforça sua posição como um dos principais polos de crescimento do varejo nacional.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até setembro de 2024⁽¹⁾.

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	4,8	8,2	5,1	7,7
Combustíveis e lubrificantes	-2,4	10,4	-0,2	0,9
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	5,1	5,4	6,5	10,4
Hipermercados e supermercados	5,8	5,7	8,4	11,4
Tecidos, vestuário e calçados	1,2	5,2	-9,8	1,3
Móveis e eletrodomésticos	3,3	5,9	8,3	7,1
Móveis	5,6	10,9	3,1	10,1
Eletrodomésticos	2,7	4,8	10,1	4,8
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	14,7	20,2	10,8	13,5
Livros, jornais, revistas e papelaria	-7,7	-3,6	2,8	-25,8
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	1,2	-5,4	-10,2	-19,4
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	7,1	14,2	6,6	12,7
Comércio varejista ampliado	4,5	7,8	8,3	7,0
Veículos, motocicletas, partes e peças	13,3	3,8	23,8	14,6
Material de construção	4,2	12,3	2,8	17,3
Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-6,7	7,6	3,0	-5,4

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2024 a setembro/2024 (Base: igual período do ano anterior).

O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

O mercado de trabalho brasileiro em outubro de 2024 apresentou uma performance mista, com criação de vagas formais abaixo das expectativas, mas estabilidade na taxa de desemprego. Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), foram gerados 132,7 mil postos formais de trabalho, resultado inferior à previsão do mercado, que estimava a criação de 192,5 mil vagas. A taxa de desemprego no trimestre encerrado em outubro foi de 6,2%, em linha com as projeções dos analistas.

Embora a geração de vagas formais tenha frustrado as expectativas, o mercado de trabalho no Brasil continua apertado, com uma demanda elevada por mão de obra em setores específicos. Esse contexto favorece a manutenção de uma taxa de desemprego em níveis historicamente baixos, mas também pode gerar pressões inflacionárias, influenciando as decisões de política monetária, especialmente no que se refere ao ciclo de aumento da Selic.

No Nordeste, o mercado de trabalho também apresentou um cenário misto. Enquanto algumas unidades federativas, como o Ceará, continuam a gerar empregos formais em setores estratégicos como comércio, serviços e agronegócio, outras enfrentam maiores dificuldades, refletindo disparidades regionais na recuperação econômica. Dados preliminares apontam que o Nordeste tem contribuído para o aumento da força de trabalho nacional, mas com taxas de desemprego ainda superiores à média nacional.

No Ceará, o desempenho no mercado de trabalho segue alinhado ao contexto regional, com crescimento consistente, na criação de vagas formais em setores como serviços e comércio varejista. A redução da taxa de desemprego reflete os avanços econômicos do estado, que tem se destacado no cenário industrial e comercial, mas ainda enfrenta desafios para diversificar e consolidar sua base econômica.

De maneira geral, o mercado de trabalho brasileiro e regional apresenta sinais positivos, mas continua a ser impactado por fatores estruturais e conjunturais. A estabilidade nas taxas de

desemprego, combinada com a modesta geração de empregos formais, sugere que, embora o mercado esteja em recuperação, ainda há desafios a serem enfrentados para garantir crescimento ainda mais robusto e inclusivo.

Tabela 5 - Evolução mensal de admissões, desligamentos e saldo - Brasil, Nordeste e Ceará (mil pessoas) - outubro/2023 a outubro/2024 ⁽¹⁾.

Período	Brasil				Nordeste				Ceará			
	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%(2)	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%
out-23	1.963,6	1.776,5	187,1	0,41	266,6	230,1	36,5	0,48	48,5	42,5	6,0	0,44
nov-23	1.881,8	1.760,4	121,4	0,26	260,0	230,1	29,9	0,39	45,5	41,8	3,7	0,28
dez-23	1.514,3	1.965,3	-451,0	-0,98	202,2	246,4	-44,2	-0,58	35,3	39,4	-4,1	-0,30
jan-24	2.105,2	1.937,1	168,1	0,37	273,4	263,7	9,7	0,13	49,3	47,9	1,4	0,10
fev-24	2.273,7	1.968,0	305,7	0,67	276,9	264,7	12,1	0,16	48,8	45,4	3,4	0,25
mar-24	2.283,5	2.039,1	244,3	0,53	294,2	277,6	16,6	0,22	49,6	43,4	6,2	0,46
abr-24	2.280,3	2.041,2	239,1	0,52	293,2	269,0	24,1	0,32	51,0	45,4	5,6	0,41
mai-24	2.140,0	2.000,8	139,3	0,30	290,0	255,7	34,3	0,45	52,9	45,7	7,2	0,52
jun-24	2.089,7	1.883,6	206,1	0,44	287,0	238,3	48,7	0,63	53,4	45,8	7,6	0,55
jul-24	2.203,5	2.012,0	191,5	0,41	304,0	263,5	40,5	0,52	55,2	51,9	3,3	0,24
ago-24	2.250,1	2.011,0	239,1	0,51	335,6	260,6	75,0	0,96	58,9	48,5	10,4	0,75
set-24	2.177,4	1.925,9	251,6	0,53	321,6	243,2	78,4	0,99	55,3	45,6	9,8	0,70
out-24	2.223,0	2.090,2	132,7	0,28	294,9	276,6	18,3	0,23	53,8	50,6	3,2	0,23
Acum. do Ano	22.026,4	19.908,9	2.117,5	4,65	2.970,8	2.613,0	357,8	4,70	528,2	470,1	58,0	4,29
Acum. dos últimos 12 meses	25.422,5	23.634,6	1.787,8	3,90	3.433,0	3.089,5	343,5	4,50	609,0	551,3	57,7	4,26

Fonte: Novo Caged - SEPR/ME (2024). Elaboração: NUPE/UNIFOR. Notas: (1) Dados do Novo Caged com ajuste para 2023 e 2024. (2) A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior, sem ajustes.

O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

O comércio exterior brasileiro em outubro de 2024 apresentou resultados mistos, com queda nas exportações, mas um crescimento expressivo nas importações. As exportações totalizaram US\$ 29,46 bilhões, uma retração de -0,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. Apesar disso, no acumulado do ano até outubro, houve um leve crescimento de 0,5%, atingindo US\$ 284,46 bilhões. Já as importações mostraram um aumento robusto de 22,5% em outubro, somando US\$ 25,11 bilhões, com um acumulado de 9,5% no ano, totalizando US\$ 221,43 bilhões. Como resultado, a balança comercial brasileira registrou um superávit de US\$ 4,34 bilhões no mês.

Quando se considera o comércio exterior total (exportações + importações), houve uma variação positiva de 8,8% em outubro, com um volume de US\$ 54,58 bilhões, e no acumulado do ano, um crescimento de 4,3%, totalizando US\$ 505,89 bilhões.

No contexto regional, os resultados foram mais desafiadores. No Nordeste, as exportações em outubro caíram -8,5%, refletindo dificuldades específicas nos setores exportadores da região. Apesar disso, no acumulado até outubro, houve um crescimento modesto de 1,7%, atingindo cerca de US\$ 20,77 bilhões, enquanto o acumulado de 12 meses mostrou um avanço de 2,6%.

O desempenho do Ceará no comércio exterior foi ainda mais preocupante. As exportações sofreram uma queda acentuada de -60,5% em outubro, com recuos também no acumulado do ano (-27,5%) e nos últimos 12 meses (-23,7%). Esses resultados refletem desafios específicos enfrentados pelo estado, como dependência de produtos de baixa diversificação e quedas na demanda internacional por alguns dos principais produtos exportados.

A análise global dos números indica que, embora o comércio exterior brasileiro continue mostrando resiliência no agregado anual, os resultados regionais, especialmente no Ceará e no Nordeste, destacam a necessidade de diversificação das exportações e de maior apoio à competitividade dos setores estratégicos.

Em contrapartida, o forte crescimento das importações brasileiras, especialmente em bens de capital

e insumos industriais, pode ser interpretado como um sinal de recuperação econômica e aumento da atividade produtiva no mercado interno.

Tabela 6 - Volume de exportações, importações, saldo e corrente da balança comercial (R\$ milhões) - Brasil, Nordeste e Ceará ⁽¹⁾.

País, Região e Estado	Exportações		Importações		Saldo		Corrente Comercial	
	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%
Brasil								
Outubro de 2024	29.461,5	-0,7	25.118,7	22,5	4.342,8	-52,7	54.580,3	8,8
Acumulado do Ano	284.460,1	0,5	221.438,3	9,5	63.021,8	-22,0	505.898,4	4,3
Acumulado 12 meses	341.132,4	1,2	259.998,7	5,9	81.133,7	-11,4	601.131,1	3,2
Nordeste								
Outubro de 2024	2.127,6	-8,5	2.603,3	13,3	-475,7	-1.774,6	4.730,9	2,4
Acumulado do Ano	20.776,7	1,7	24.403,4	7,1	-3.626,7	-54,1	45.180,2	4,5
Acumulado 12 meses	25.244,9	2,6	28.503,0	3,0	-3.258,1	-6,7	53.747,9	2,8
Ceará								
Outubro de 2024	88,3	-60,5	294,9	14,4	-206,6	-500,1	383,1	-20,3
Acumulado do Ano	1.275,1	-27,5	2.634,7	-2,5	-1.359,6	-44,2	3.909,8	-12,4
Acumulado 12 meses	1.549,5	-23,7	3.093,0	-6,9	-1.543,5	-19,5	4.642,6	-13,3

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) As variações do acumulado do ano e do acumulado dos 12 meses referem-se a comparações com o mesmo período anterior.

Autores:

Alice Carolina Macedo
Beatriz Teles Ferreira
Daniel Bandeira de Melo Almeida
Diego Cavalcanti de Oliveira
Felipe Guerreiro Melo
Francisco Arruda Aguiar Filho
Gustavo Henrique Melo Moreira
Júlia de Albuquerque Cabral
Kalil Lucena Karbage
Laura Castro Goulart de Aquino
Leonardo Gibson Do Nascimento
Lucas Leonardo Bezerra da Silva
Maria Cecilia Pinheiro Guerra Ramos
Nathanael Vasconcelos Saldanha
Nelson Bernardino dos Santos Junior
Paulo Ricardo Holanda Feitosa
Pedro Parente Pinheiro
Rosângela de Sousa Cardoso
Thais Castelo Branco
Vinicius Lima de Farias Rissi
William Raphael Lima Costa



Referência Bibliográfica

INFOMONEY. Guia de macroeconomia. **InfoMoney**, 4 jan 2023. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/guias/macroeconomia/>. Acesso em: 11 out. 2024.